

Título - A variante “a gente” na fala urbana culta manauara

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa sobre a ocorrência da variante “a gente” na fala urbana culta manauara faz parte do macroprojeto *Estudos da Variedade Urbana Oral Culta de Manaus*, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas de Linguística Aplicada à Educação – NEPLAE, autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o processo no. 058/09 CEP/ESA-UEA.

No Paic de 2009/2010, a equipe, da qual fazemos parte, iniciou seus estudos sobre essa variedade do português, tendo como objetivo central, nesta primeira etapa de sua realização, começar a formar um banco de dados digitalizados, incluindo documentação sonora, com a finalidade precípua de subsidiar o desenvolvimento de análises linguísticas em fonética/fonologia, morfossintaxe, léxico, análise do discurso, etc. e em outras áreas afins.

Nos registros coletados para a constituição deste banco de dados chamou-nos a atenção a ocorrência da variante “a gente” e suas alternâncias com o pronome “nós” em diferentes situações de fala, como elocuções formais, dialógicas e em entrevistas. Sendo assim, propomos investigar, numa perspectiva variacionista (LABOV, 1994), a distribuição do termo “a gente” na variedade oral culta manauara, analisando este fenômeno no que se refere à concordância de gênero, número e pessoa e aos aspectos semântico-pragmáticos. Esta análise será desenvolvida concomitantemente com a tarefa de ampliar o banco de dados já estabelecido, o qual fornecerá o corpus para este estudo.

O emprego da expressão “a gente” no português do Brasil tem sido alvo de muitos estudos. Tem-se investigado sua ocorrência em vários dialetos brasileiros, como no dialeto mineiro (MAIA, 2003) e no gaúcho (ZILLES, 2002), carioca (LOPES, 1993) e seu processo de gramaticalização (OMENA, 1996a, 1996b; OMENA e BRAGA, 1996), estratégias de designação referencial (SILVA, 2004). Neste sentido, é importante que se identifique os fatores significativos na variação *nós / a gente*, demonstrando as alterações no sistema pronominal que tem sido ocasionadas por essa mudança.

Originariamente *gens*, *gentis* significa “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade” (LOPES, 1999). Na dinamicidade da língua, esta palavra, ao lado de seu status lexical, desenvolveu gradativamente uma forma gramaticalizada, realizando-se como forma pronominal, em alternância com o pronome de 1ª pessoa plural “nós” no discurso.

No entanto, vários autores advogam que nesse processo ela manteve grande carga semântica de referência genérica de sua origem etimológica. Portanto, a *transição* da forma

lexical latina até a forma pronominal contemporânea é marcada pela manutenção de uma referência [+genérica].

O termo gramaticalização usado para se referir a essa “*transição gradual de palavras principais para palavras acessórias e, enfim, para palavras gramaticais em estágios de uma língua*” foi criado por Meillet (1948: 131).

Para Vitral & Ramos (2006:13) a gramaticalização é um processo em que itens pertencentes às categorias *de conteúdo lexical*, como verbos e adjetivos, passam a fazer parte de categorias *vazias de conteúdo lexical*, como auxiliares e certas preposições; e, em seguida, transformam-se em clíticos e afixos, antes de desaparecerem completamente.

A visão da gramaticalização como constituída por processos essencialmente diacrônicos e previsíveis já aparece em Hopper e Traugott (1993): item lexical > item gramatical > clítico > afixo.

Conforme esses autores, a gramaticalização é vista como *unidirecional*, ou seja, uma vez iniciada uma etapa do processo, não há retorno ao estágio anterior. O processo avançaria apenas da esquerda para a direita no percurso acima, isto é, da forma livre para a forma clítica, desta para o afixo, até o total esvaziamento. Vitral & Ramos (op.cit.: 20) afirmam que “quanto mais à direita, maior o esvaziamento semântico” de um item.

O processo de gramaticalização do uso do “a gente” no português brasileiro cada vez mais se fortalece, uma vez que sua ocorrência não se restringe à fala popular e coloquial, mas já penetra na oral culta e até mesmo na língua escrita, dependendo do gênero textual.

Em referência a este fenômeno, Lopes (1999) estuda a implementação da forma *a gente* no sistema pronominal do Português. Faz estudos no tempo real de longa e de curta duração. O primeiro tem como fonte textos escritos do século XIII ao XX, incluindo dados do Português Europeu, de Moçambique e do Brasil. O estudo sincrônico, em tempo real de curta duração, tem como fonte entrevistas do Projeto NURC / RJ feitas nas décadas de 70 e de 90.

Ao realizar investigação sobre a mudança categorial de *gente* (nome) > *a gente* (pronome) a autora busca verificar as propriedades dessas classes que se mantiveram, e as que sofreram alterações. Demonstra em uma análise bem detalhada que “o substantivo *gente* ao assumir, em certos contextos, determinadas propriedades, passou a fazer parte de outra classe (perde características lexicais tornando-se mais gramatical” (*ibid.*:26). Propõe o seguinte percurso: *Gente* [nome genérico] → *a gente* [pronome indefinido] → *a gente* [pronome pessoal].

Costa *et ali* também ressalta que nas variedades europeia e brasileira do português, a expressão *a gente* exhibe o comportamento de pronome. Tal como discutido em Menuzzi

(1999, 2000), esta forma pronominal é particularmente interessante, uma vez que os seus traços gramaticais e semântico-discursivos não são idênticos.

Do ponto de vista gramatical, esta forma está especificada como terceira pessoa do singular feminino. Em termos semântico-discursivos, *a gente* funciona como um pronome de 1ª pessoa do plural. Menuzzi (1999, 2000) mostra que ambos os traços estão ativos na gramática, o que é visível na seleção de formas pronominais ligadas pelo pronome *a gente*. Se *a gente* ligar uma forma pronominal localmente, a forma selecionada é uma anáfora de terceira pessoa do singular, como em “A gente_i viu-se_i no espelho,” e não “*A gente_i viu-nos_i no espelho.” Se a relação de ligação não for local, a forma selecionada concorda com os traços semântico-discursivos e não com os traços gramaticais: A gente_i disse que o Paulo nos_i viu. b. *A gente_i disse que o Paulo {se_i/a_i} viu.

Como se dá esse comportamento da expressão “a gente” na fala oral culta manauara é que nos interessa descrever e analisar, buscando explicitar as características morfossintáticas e semântico discursivas do fenômeno, como os sentidos que ela pode obter no discurso, bem como sua alternância com a forma pronominal “nós” e os efeitos sociolinguísticos deste uso.

Ao formar o banco de dados da variedade urbana culta falada pelo manauara, nossas primeiras impressões a respeito do uso da expressão “a gente”, relativo à avaliação que o próprio falante faz deste emprego, é de que durante as gravações, muitos informantes, provavelmente por medo da situação que se encontravam (já que estavam se expondo e isso geralmente intimida alguém) e pelo medo de falarem “errado”, autocorrigiam-se. Eles reconhecem que o “nós” é uma forma de prestígio, amplamente usada por pessoas cultas. Assim, substituí-lo por meio da utilização de um termo “inferiorizado”, como o “a gente”, estaria colocando-os em uma posição desprivilegiada. A esse fato faz-se referência a um dos fenômenos da conversação descrito por Santos (2007) que é a preservação da face do falante culto mediante o uso da autocorreção, uma vez que esse falante parece ser o mais preocupado com o desempenho linguístico em sociedade e por isso preserva sua face, principalmente quando faz uso da autocorreção.

JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa sobre a variante “a gente” na fala urbana culta manauara se insere numa abordagem variacionista da análise desse fenômeno linguístico. Nesta perspectiva, tem-se como princípio o fato de que a linguagem verbal é a manifestação social, evidenciada em variantes geográficas, socioeconômicas, etárias, de gênero, de grau de instrução, contextuais,

urbanas, rurais, etc. Logo, uma vez que ela não se manifesta de forma homogênea, deve ser abordada em toda a sua diversidade. Nas palavras de Bagno (2007):

A língua é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. [...] a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala e da escrita (p. 36).

As variedades, segundo Tarallo, são “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. E, a um conjunto de variantes, dá-se o nome de ‘variável linguística’”. (2005, p.8).

Daí emana a importância de se estudar a realidade linguística de um grupo social e geográfico, na perspectiva de que a língua não é homogênea e que ela veicula a identidade de um grupo, sua cultura e concomitantemente é a própria cultura de um povo.

É nesse princípio que se fundamenta este projeto, compreendendo que preservar a língua é preservar a memória nacional, a qual inclui as especificidades de cada grupo linguístico-cultural que compõe uma nação. Portanto, é ideal que uma língua seja estudada em todas as suas particularidades presentes em sua extensão territorial, principalmente naquelas onde há maior densidade demográfica. Daí o propósito de focalizar a variedade urbana oral culta de Manaus, cidade que conta com quase 2 milhões de habitantes.

Considerando que a língua é variável, no que se refere ao português falado no Brasil, faz-se um retrospecto de como alguns autores têm classificado a realidade linguística brasileira.

Em Mattos e Silva (2004, p.118), a autora analisa o português brasileiro como uma realidade tripartida: norma padrão, norma (s) culta (s), norma (s) vernácula (s). Também Dante Lucchesi, em seu artigo “*Norma linguística e realidade social*” propõe uma análise triádica: norma-padrão, norma culta e norma popular. Já Bagno (2007) aponta para uma natureza polarizada da realidade sociolinguística do português brasileiro, que tem em uma extremidade a norma-padrão e, na outra, a variação linguística, que se subdivide em dois outros pólos, que recebem nomes diferentes conforme os autores: norma vernácula (ou popular) e norma culta (p. 104). À norma culta, o autor denomina de variedades prestigiadas e, à norma popular ou vernácula, chama-a de variedades estigmatizadas.

Esta última classificação é que se adota nesse estudo. A norma culta, em oposição aos falares populares, é entendida como a variedade de prestígio social falada por pessoas, com alto grau de escolaridade, principalmente, em situações formais de interlocução.

O autor supracitado define com detalhes o conceito de norma culta, explicitando que:

A norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social (p. 105).

Prossegue, enfatizando que:

A norma culta da língua portuguesa são regras claras e bem definidas quanto ao padrão de uso da linguagem formal. Utilizadas pelas classes intelectuais da sociedade, na forma escrita e, com menor intensidade, também na linguagem oral, uma vez que esta recebe maior influência de hábitos coloquiais na fala dos indivíduos (p. 107).

Ainda sobre o conceito de norma culta, é importante frisar que essa não deve ser confundida com a norma-padrão, pois geralmente ocorre uma confusão entre esses termos.

Conforme a proposição apresentada por Bagno, a norma-padrão “não faz parte da língua [...] constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata [...] que exerce evidentemente um grande poder simbólico sobre o imaginário dos falantes [...]” (BAGNO, 2007, p. 106). Em contrapartida a esse modelo ideal ou ideologizado de língua que é a norma-padrão há os usos reais da língua considerados pela sociedade como variedades prestigiadas, que constituem a norma culta da língua. Portanto, o termo norma culta da língua portuguesa, que é o objeto deste projeto, fica aqui entendido como o uso real da língua por parte dos falantes privilegiados da sociedade urbana.

Por ser um modelo idealizado de língua, a norma-padrão, conforme Bagno (2007, p.106), exerce um grande poder simbólico principalmente sobre o imaginário dos falantes urbanos mais escolarizados, que são os sujeitos desta pesquisa. Desse modo, no desenvolvimento deste projeto, é importante atentar para a informação de que a norma-padrão, que é um produto cultural valorizado na sociedade, influencia o uso efetivo e real culto da língua.

Considerando o que foi dito, é relevante analisar o emprego da expressão “a gente” no falar culto, uma vez que, a princípio, a pronominalização desta palavra lexical iniciou-se na variedade popular e coloquial da língua, mas que gradativamente tem penetrado no estrato de prestígio social da língua.

Mediante essas e outras mudanças, tem se constatado que o sistema pronominal do Português do Brasil está passando por reformulações profundas em sua organização (Omena,

1981; Duarte, 1989,1995; Tarallo, 1983,1985). Daí a importância de se compreender melhor esse fenômeno, no qual se inclui o emprego da expressão pronominal “a gente” e os processos morfossintáticos e semântico-pragmáticos que caracterizam essa mudança da língua.

No contexto da variedade urbana oral culta manauara, não existe nenhuma pesquisa que tenha abordado esse tema. Por isso, conhecer como a expressão “a gente” tem se manifestado nessa variedade do português do Brasil é de grande relevância para desvendar esses movimentos no interior de nossa língua.

OBJETIVO GERAL

Propõe-se a verificar, numa perspectiva variacionista, a ocorrência da expressão “a gente” na fala urbana culta manauara, considerando suas ocorrências em elocuções formais, situações dialógicas e entrevistas. Nesta abordagem do fenômeno, serão analisados os processos morfossintáticos e semântico-pragmáticos nele imbricados, suas situações de uso e o fenômeno da autocorreção.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fazer um levantamento das ocorrências da expressão “a gente” no corpus disponibilizado pelo banco de dados digitalizados, verificando sua distribuição quantitativa nos registros de elocuções formais, diálogos e entrevistas, considerando as variáveis de faixa etária e gênero;
- Ampliar o corpus do banco de dados.
- Registrar as situações de fala em que ocorre a alternância de “nós” e “a gente”;
- Analisar o emprego de “a gente” no que se refere às concordâncias de gênero, número e pessoa e suas especificidades semântico-pragmáticas.;
- Disponibilizar no site específico do projeto o corpus e os resultados de análise obtidos.

METODOLOGIA

Esta investigação é norteada pelo método de abordagem dialética, uma vez que a concepção do objeto de estudo – a variedade oral culta manauara- é de que a língua é um fato social que não pode ser entendido quando considerado isoladamente, abstraído de suas

influências políticas, econômicas, culturais etc. Logo, tem-se uma visão dinâmica do objeto língua, o qual é construído e reconstruído por seus e para seus falantes, pois atende às suas necessidades de interlocução.

Essa compreensão da dinamicidade da língua, a qual comporta particularidades próprias da fala de um grupo específico, orienta-nos no tratamento do corpus, na análise dos dados e na apresentação dos resultados da pesquisa.

A fundamentação teórico-metodológica que serve de orientação para a proposição e desenvolvimento deste estudo são os pressupostos estabelecidos pela sociolinguística variacionista laboviana. Eles incluem metodologia de coleta de corpora orais que serão utilizadas na ampliação do banco de dados, na transcrição do registro oral para a escrita, seguindo uma série de procedimentos convencionizados, que garantam a preservação do material coletado no que se refere à natureza dos discursos registrados do ponto de vista da linguagem e do conteúdo.

A pesquisa tem como base de análise um corpus já constituído por 40 arquivos de áudio, transcritos segundo uma notação gráfica adaptada à utilizada pelo NURC. Esses arquivos totalizam mais de 120 horas de gravação, distribuídas em registros de elocuições formais, como aulas em curso superior de diversas naturezas, como direito, letras, etc., palestras, entre outros; diálogos entre professores, casais, etc., amigos e entrevistas com os documentadores.

Na primeira fase do desenvolvimento da pesquisa serão levantados os contextos em que a expressão “a gente” ocorre bem como a sua alternância com o pronome “nós”, considerando as faixas etárias (21 a 36; de 36 a 55 e de 55 em diante) e os gêneros dos interlocutores.

Depois, esses dados levantados serão analisados quanto aos fenômenos morfossintáticos e semântico-pragmáticos nele imbricados.

O próximo passo é disponibilizar o material coletado para a ampliação do corpus e a divulgação dos resultados obtidos.

É importante também registrar que durante o desenvolvimento desta análise será dada continuidade à coleta de registros da variedade culta falada em Manaus, que é o projeto ao qual esta proposta de pesquisa está vinculada.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. 2007. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola.

BARBOSA, Afrânio. 1993. *Particípios duplos na fala culta carioca*. Dissertação de Mestrado, UFRJ/Letras.

BRUNNER, Maria Lucia. 1995. *Processos de Intensificação na Fala Urbana Culta*. Tese de Doutorado, UFRJ/Letras.

COSTA, João; Moura, Denilda; Pereira, Sandra e Araújo, Conceição. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de

DUARTE, M.E.L. (1989). Clíticos acusativos, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: F. TARALLO (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes, Editora da Unicamp. P. 19-34. *Estudos Lingüísticos*, v. 4, n. 10, p. 115-124, 1996.

LABOV, William (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Oxford, Letras/UFRJ.

LOPES, Célia Regina dos Santos (1993). *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*,

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

MAIA, Francisca Paula Soares. *A variação nós e a gente no dialeto mineiro*: investigando a transição. 2003. Dissertação de Mestrado em Letras. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

MEILLET, Antoine. 1912. *L'évolution des formes grammaticales*. In: **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, p. 130-148.

MENON, Odete P. da S. 1996. '*A gente*': um processo de gramaticalização. **Estudos Lingüísticos**, n. 25, p. 622-628.

MENUZZI, Sérgio. 1999. **Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese**.

OMENA, N. 1981. *Pronom personnel de la troisième personne: ses formes variantes en fonction accusative*. In: D. SANKOFF & H. CEDERGREN. **Variation Omnibus**.

OMENA, Nelize P. de; BRAGA, Maria Luiza. 1996. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T. et al. (Ed.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 75-83.

SANTOS, Marina Aparecida. 2007. *A autocorreção como preservação da face do falante culto do Projeto NURC/SP*. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo.

SCHERRE, M. M. P. (Ed.). 1996a. **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Depto. de Lingüística e Filologia. UFRJ. p. 183-216.

SILVA, Ivanilde. De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: 2004. *Uma investigação sincrônica entre nós e a gente como estratégias de designação referencial*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TARALLO, F. 1983. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Ph.D. Thesis. University of Pennsylvania: University Microfilms International.

TARALLO, Fernando. 2007. **A pesquisa sociolingüística**. 8 ed. São Paulo: Ática.

VITRAL, Lorenzo. 1996. A forma CÊ e a noção de gramaticalização. **Revista de Estudos Lingüísticos**, v. 4, n. 10, p. 115-124.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. 2006. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Belo Horizonte: Tempo Brasileiro, **Working Papers in Linguistics**, vol.8.3, 2002.

ZILLES, A. M. S. 2007. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? Letras de Hoje. v. 42, nº 2, Porto Alegre: junho. p. 27-44.